

## PELA VIDA, PELA PAZ, CONTRA A GUERRA!

O proletariado português, de norte ao sul do país, juntando o seu esforço desinteressado ao esforço grandioso do operariado do mundo inteiro, vai demonstrar duma forma iniludível os seus propósitos de paz e a sua repulsa por todas as guerras.

Hoje por todo o país, em harmonia com as indicações da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizar-se-ão sessões e comícios contra a guerra, nos quais o povo trabalhador, que sofre sempre as horríveis consequências das chacinhas provocadas pelo capitalismo, deve colaborar com toda a sua fé num futuro melhor, numa sociedade livre e baseada no acôrdo mútuo e no trabalho útil.

As mães cujos filhos são carne da sua carne não podem deixar de colaborar nesta formidável manifestação mundial contra a guerra.

Neste momento, em que tantas vidas estão tombando trágicamente nas guerras fratricidas, provocadas pelo imperialismo europeu e americano, as vítimas devem ser saudadas pelos operários pacifistas.

Lembra-vos proletários que neste mesmo minuto estão caído, varados pelas balas do imperialismo, homens que são irmãos—marroquinos e franceses, americanos e chineses—todos igualmente vítimas dum só inimigo: a burguesia-capitalista.

O grito de solidariedade que deve sair de todas as gargantas proletárias é um só:  
**VIVA A PAZ!**

## A LOUCURA HUMANA!

—A's armas! foi o uivo brutal que ecoou por todo o mundo, em 1914, chamando os homens à luta fratricida.

O ímpeto da fera não foi sufocado, e ela, em campo descoberto, atacou furiosamente o viandante desensadado... O seu ataque durou 4 anos!

Os corpos tombaram ingloriamente, trucidados, mutilados, despedaçados pelos instrumentos mortíferos que os próprios homens manufacturaram. A terra tingiu-se, ensoopou-se de sangue; foi perfurada, revolvida nas suas entranhas pela acção da metralha incessante!

As pequenas aldeias desapareceram pelo fogo, a devastação foi enorme; as casinhas brancas dos camponeses soterraram-se, as árvores foram despidas dos seus troncos e das suas ramagens; os campos não mais foram cultivados, ameados pelo carinho do trabalhador, que abandonou a enxada e a charrua para pegar na espingarda e manejar o canhão!

As cidades assistiram ao bombardear dos seus edifícios e monumentos; as catedrais em lugar das visitas dos crentes e admiradores foram devastadas pelas granadas de grande potência, destruindo-lhes o que possuíam de belo e sugestivo!

A loucura humana não afrouxou durante 4 anos! Delirou! Os seus instintos de carnagem igualaram-se aos abutres quando em redor dos cadáveres inanimados!

Os homens obcecados pelas palavras de liberdade e pela justiça matavam-se mutuamente. A mortandade executava-se tanto na terra, nos mares, nos ares, como nas cidades, nos campos e nas aldeias. Era de dia ou de noite; às claras ou de sapato! Todos os processos, embora os mais crimiñosos, eram postos em prática!

O lema era: Lutar! Matar! Incendi-  
diar!

Trindade sinistra, cruel, que surtia a cada instante, trazendo a companhia-lá a miséria, a morte, a peste, a vivuê, a orlandade, a doença e o sofrimento!

A guerra foi e será sempre uma das maiores monstruosidades que os homens inventaram. Maldita ela seja!

\*\*\*

A guerra de 1914 foi o desencadear da carnificina entre 14 países: Alemanha, Austria-Hungria, Turquia e Bulgária dum lado e, do outro, Sérvia, Rússia, França, Bélgica, Inglaterra, Montenegro, Japão, Itália, Portugal e Roménia, representando todas estas potências uma população de 960 milhões de habitantes.

Cada país procurou tornar-se simpático na contenda. Os intuitos guerreiros manifestavam-se em todos. Os trabalhadores fardados, esquecendo-se de que são vítimas imoladas ao capricho do capitalismo e dos governantes igualavam-se na sanguetaria.

A obediência à lei, à disciplina e à ordem ainda é uma tirania que os trabalhadores consagram como necessária ao existente estado social.

No dia em que tudo isso fôr pôsto de parte, a sociedade será remodelada, e não mais haverá guerras! Porque as guerras são provenientes das entidades Pátria e Militarismo, dois cancros sociais que precisam ser estirpados! São eles que ainda hoje alimentam a carnificina de Marrocos e as lutas internas na China.

Os governantes, serventúrios dóceis dos capitalistas, dos industriais e dos financeiros, procuram manter por todas as formas ao seu alcance o fogo sagrado das guerras, a existência do militarismo e o fabrico incessante de vasos marítimos de morte.

Contra isto deve opôr-se uma aturada propaganda anti-militarista, combatendo por todos os meios as pretensões imperialistas e guerreiras dos governantes e quejandos. E' tempo de nos prepararmos para impedir que de futuro novas guerras, carnificinas brutais e horríveis mortandades avassalem a humanidade, como aquela a que há 11 anos a Europa assistiu, consentiu, aplaudiu, fomentou e coadjuvou.

Faz hoje 11 anos que se iniciou uma das maiores crueldades, para vergonha dos homens do século XX!

—A's armas! deve ser o clamor unânime da plebe explorada, para a conquista da Pátria Humana, contra a casta dominadora! —A's armas! será o eclodir da Revolução Social, a nova guerra dos párias edos sem pão, terminando para todo o sempre com a exploração do homem pelo homem; garantindo a todos os indivíduos os meios de subsistências!

Maldita seja a guerra da burguesia! é o grito de protesto que todo o operário deve lançar!

Carlos José de SOUSA

Como se principia e como se acaba



—Não consintais aos vossos filhos a brincar a's soldades!

## A GUERRA DE MARROCOS

Sensacionais e trágicas revelações dum ex-tenente germânico que esteve na «Legião estrangeira». —150 alemães fusilados pelos espanhóis

A entrevista que a seguir publicamos revela um dos muitos ardis de que se servem os espanhóis para atrair para o inferno marroquino os operários ingénuos. Ela é um libelo acusatório contra essa Espanha ditatorial e um aviso ao proletariado de todo o mundo para que se acualice contra todos os agentes do amanie de Rivera.

Até hoje, só um único país—os Estados Unidos da América do Norte—intimou o histrião ibérico a mandar retirar de Marrocos todos os legionários norte-americanos que estivessem ao serviço de Espanha. Esta intimação foi imediatamente atendida, porque Primo de Rivera sabe muito bem que com a América não se brinca.

Os outros países, embora os seus dirigentes saibam as infâmias que praticam os esbirros da Espanha jesuítica, fazem vista grossa, permitindo que os seus filhos sejam alvo de todas as canalices e das mais revoltantes e iníquas represálias.

Wilhelm Hoffmeister era tenente no exército alemão e combateu na guerra europeia três anos e meio. É natural de Hamburgo e conta actualmente 28 anos. Esteve alistado treze meses na Legião Estrangeira em Marrocos.

Preguntamos-lhe como se tinha alistado no Tercio e ele contou-nos esta história triste:

—Após o desarmamento do meu país, imposto pelos aliados, fui afastado do exér-

cito. Nessa altura uma grande crise de trabalho reduzia a miséria o operariado germânico. Por esse tempo começaram a aparecer nos jornais de Hamburgo artigos do cônsul espanhol convidando os operários a ir trabalhar para Espanha. Apresentei-me no consulado e ofereci os meus serviços; o cônsul contratou-me para ir trabalhar nos caminhos de ferro. Passados dias eu e mais 16 companheiros embarcámos num vapor da empresa Hamburg-Süd-Amerique Linie. Chegámos à Coruña, disseram-nos que íamos ser incorporados na Legião Estrangeira e que seguiríamos para Marrocos. Protestei, em meu nome e dos meus companheiros, dizendo que íamos para trabalhar e não para combater os mouros.

Depois Wilhelm descreveu-nos as peripécias e os vexames de que ele e os seus companheiros foram vítimas. Em Madrid tiveram que empunhar as próprias roupas para não morrer de fome!

—Após algum tempo fomos conduzidos para Ceuta. Ali obrigaram-nos, ameaçados com trabalhos forçados durante quatro anos, a assinar um documento no qual dizíamos que marchávamos para a frente da batalha de livre vontade.

—Depois...

—Depois fomos conduzidos, como bestas, para o campo de concentração de estrangeros de Dar-Riffen.

E Wilhelm descreve-nos inteligentemente tudo quanto seus olhos viram. Os legio-

nários eram tratados como animais. Quando não obedeciam prontamente às ordens dos oficiais espanhóis, estes vergastavam-nos bárbaramente, até deixá-los exangues. Muitos portugueses, por sinal os mais rebeldes da legião, sofreram castigos ignominiosos.

E o antigo oficial alemão pinta-nos, com tintas dantescas, todo o horror daquele acampamento maldito.

—Mas porque não reclamavam os legionários para os seus países?

A fronte de Wilhelm, tostada pelo calor dos seus africanos, enrugou-se e um fugido riso de tristeza perpassa-lhe pelo rosto.

—Há três meses que minha mãe não recebe notícias minhas. As cartas em que descreviamos a nossa miséria eram rasgadas em Ceuta.

—No dia 3 de Julho de 1924—continua Wilhelm—embarcou o regimento alemão do Tercio em Rio Martin no cruzador «Reina Victoria» que o deixou em Uad-Lau. No dia seguinte às nove horas atacámos os mouros enfileirados no monte Doba-Carsa. Daí a uma hora o regimento espanhol n.º 51, que vinha atrás de nós, abriu fogo contra o nosso regimento; 150 alemães ficaram mortos e 78 gravemente feridos.

—Mas isso seria uma lamentável confusão—fizemos nós.

—Não foi—diz-nos Wilhelm, com um sorriso triste—disseram depois isso, mas

CONTRA A GUERRA

## O proletariado português colaborando com os seus irmãos de além fronteiras, vai afirmar hoje os seus desejos de paz e emancipação

É hoje que o proletariado português, juntando a sua voz generosa e eloquente a do proletariado universal, vai formular o seu protesto contra a guerra.

No momento em que em todo o mundo o operariado consciente, com o seu protesto, demonstra o seu propósito de não colaborar em mais chacinhas provocadas pelas ambições do capitalismo—não pode o povo trabalhador português, que tão belas tradições de liberdade possui, ficar indiferente perante esse movimento internacional.

Ele vai dar, comparando na sua máxima força nas sessões e conferências, uma prova da sua compreensão nítida das verdadeiras ideias de paz, que só serão possíveis quando o operariado, cónscio da sua missão histórica, sacudir para sempre o jugo capitalista.

Os homens de pensamento livre, os intelectuais sinceros, têm o seu lugar vago marcado nesta manifestação. Principalmente os homens de ciência, que tanta desconfiança merecem ao povo operário—em regra sem motivo—os homens de ciência que devem ser, no seu próprio interesse e no interesse dos seus filhos, pela paz e contra a guerra, se este ano ainda não colaboram connosco na grande obra de emancipação, amanhã serão os primeiros auxiliares do proletariado.

Em vez de pôrem o seu talento ao serviço da iníqua causa do massacre humano, devem pô-lo ao serviço da humanidade sofredora que bem precisa do esforço solidário e desinteressado de todos os seus componentes para se regenerar e alcançar a sociedade ideal que vive no coração de todas as criaturas generosas.

O povo trabalhador português, manifestando-se hoje contra a guerra, vai demonstrar que também as grandes questões morais o preocupam.

É preciso que nem um só proletário falte às sessões e comícios que hoje se realizam.

Ir às sessões é pugnar pelo bem-estar da humanidade de amanhã, é praticar uma acção desinteressada que fica bem a toda a gente que, na terra, quer ver implantado um regime de liberdade, de amor e paz.

### Comemorações em Lisboa

#### Camara Sindical do Trabalho de Lisboa

O povo trabalhador de Lisboa deve comparecer em massa a sessões que este organismo hoje promove contra a guerra e que se realizam nos seguintes locais: Camara Sindical do Trabalho, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, pelas 14 horas; Secção dos Operários Corticeiros, rua Paulo da Gama (em Belem), pelas 11 horas; Secção da Construção Civil de Palma, rua da Beneficência, pelas 14 horas; Associação dos Corticeiros de Lisboa, rua de Marvila, 39, 1.º, pelas 13 horas.

Em todas estas sessões, além dos delegados da C. G. T. usarão da palavra delegados das Federações de Industria, Liga dos Direitos do Homem, Associação dos Professores de Portugal, União do Professorado Primário. Tendo-se desviado o ofício convite dirigido ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, fica por este meio esse organismo convidado a fazer-se representar nas referidas sessões.

### Federação da Construção Civil

Em harmonia com as resoluções tomadas pela Associação Internacional dos Trabalhadores e segundo as indicações da C. G. T., o Conselho Federal, reunido, resolveu satisfazer o pedido de delegados para sessões e comícios a realizar em Reguengos de Monsaraz, Guarda, Monchique e Tires, e em Lisboa, na sede central do Sindicato e nas secções de Belem e Palma.

Foram apreciados os pedidos de delegados para sessões e comícios a realizar de manifestação contra a guerra por diversos Sindicatos da província, resolvendo-se satisfazer os referidos pedidos, nomeando-se os delegados, os quais são: João Calceira,

sem comer nem beber, até que, já exausto, se apresentou ao comandante do navio.

O capitão quis voltar para Sevilha, último porto espanhol onde havia tocado, mas Wilhelm, resolute, disse-lhe:—Comandante ou a liberdade ou a morte—para Espanha não volto! Estas palavras salvaram-no. O navio dirigia-se para Lisboa. O capitão, logo que chegou, fez entrega do foragido ao cônsul da Alemanha que o mandou hospedar no hotel Portuense.

E o ex-tenente Wilhelm Hoffmeister já seguiu para o seu país onde, segundo nos disse, fará uma grande campanha contra Primo de Rivera.

Armando Duarte, Antonio Ferreira de Almeida, Daniel Francisco, Alexandre Assis, Alberto Dias, João Miranda e Joaquim Martins.

### S. U. Mobiliário

Passa amanhã mais um aniversário dessa imensa carnificina na qual tombaram milhares de camaradas nossos em holocausto à insaciável ambição do capitalismo internacional, essa horda sinistra ávida de ouro e de sangue que para mascarar os seus objectivos lança as turbas, por intermédio da sua imprensa venal, ser essa a última guerra após a qual reinaria sobre a terra a fraternidade há tantos séculos almejada e pela qual os povos se tornariam felizes. Após essa hecatombe o que se verifica? O luto e a miséria nos lares dos proletários enquanto a alta industria aliada à reacção ultramontana, fazem o miserável bloqueio ao povo russo por esse mesmo povo num incomparável arranco ter apeado do trono a sinistra figura do czar implantando um regime que, embora elavado de erros, veio mostrar à humanidade o início de uma Sociedade Nova. Não podendo porém satisfazer o seu miserável intento, não desarma, e eis que novas guerras vêm ceifar as fileiras dos proletários, nos exemplos da China e em Marrocos, onde esse povo indomável numa resistência heróica procura expulsar do seu território os exércitos coligados da Espanha e França, guarda avançada do insaciável Capital que procura explorar esse povo que quer ser livre, mascarando essa infâmia com a capa da «Civilização».

Por motivos que são do conhecimento da classe, não pode este organismo realizar na sua sede, como era a sua vontade, uma sessão de protesto contra a guerra. A co-

mo é verdade. Os espanhóis souberam que não preparavam uma revolta e para que ela se não desse, fuzilaram os meus companheiros.

—Mas isso é monstruoso!—exclamamos assombrados.

—Mas é verdadeiro...

—Como conseguí fugir?

—Com um documento falso—e mostrou-nos o libertador papel.



missão administrativa deste sindicato convida, pois, o operariado da indústria a comparecer nas sessões de protesto que se realizam em vários pontos da cidade.

Em reunião de assembleia geral, apreciada a forma como a classe se deve manifestar no protesto internacional sobre a nova guerra que se está para desencadear, foi resolvido fazer um apelo à classe para que esteja correndo às sessões que se realizam hoje.

**Em Tiro e arredores**

A Associação dos Operários da Construção Civil de Tiro e Arredores distribuiu um manifesto do qual destacamos o seguinte:

«Esta guerra, iniciada em 2 de Agosto de 1914, ainda continua, a pesar de se dizer que terminou em 1918.

E agravar-se há se o povo, sangue da guerra, para seu mal fez os canhões, não levantar o seu protesto contra todas as guerras, protesto que deverá ser de carácter permanente.

Em conformidade com as resoluções tomadas no Congresso Internacional dos Trabalhadores, no qual a organização operária portuguesa se fez representar, esse protesto terá o seu início no dia 2 de Agosto, devendo neste dia, em todas as localidades, realizar-se comícios e sessões.

Este Sindicato, fiel aos seus princípios revolucionários e anti-guerrista, não podia ficar silencioso perante tal acontecimento, e por isso resolveu distribuir o presente convite a todo o povo trabalhador e liberal de Tiro e Arredores, convidando-o a assistir a uma sessão de propaganda contra as guerras, que se realiza na sede do Grupo Musical e Dramático, às 19 horas (7 da tarde), na qual deverão fazer uso da palavra diversos oradores.

Que todos os trabalhadores acorram à sessão, para fazer sentir bem alto o seu protesto contra tamanha monstruosidade.

A sessão, pois, em defesa dos nossos filhos».

**Sessão de Palma**

A comissão administrativa convida todo o operariado da construção civil da sua área a assistir a uma sessão de propaganda contra a guerra, hoje, pelas 20 horas, na sua sede.

**S. U. Metalúrgico**

Este sindicato convida todos os trabalhadores metalúrgicos a comparecerem à sessão anti-militarista e anti-guerrista que a Câmara Sindical do Trabalho efectua na sua sede, calçada do Combro, 38-A-2, bem como a assistir a uma conferência que o Núcleo das Juventudes Sindicalistas realiza, pelas 21 horas, na sede deste sindicato.

**Impressores tipográficos**

A direcção convida todos os componentes da indústria a assistirem à sessão que se realiza hoje na Calçada do Combro, 38-A-2, afirmando assim o seu horror à guerra, que só às classes exploradoras beneficia, em prejuízo de todos os oprimidos.

**Sindicato Ferroviário da C. P.**

«Ferroviários:

Contra os desejos e egoísmo dos Estados, manifestados publicamente já tantas vezes por estadistas de destaque, vão iniciar-se, por parte das classes organizadas de todo o mundo, sessões de protesto anti-guerristas e anti-militaristas, demonstrando bem claramente que a massa trabalhadora repudia a guerra e não está disposta a aceitá-la.

Por este motivo, são convidados os ferroviários a comparecer na sede do Sindicato no próximo domingo, dia 2, pelas 20 horas, a assistir a esta manifestação de protesto.

Aproveitar-se há a ocasião para se tratar do horário de trabalho e discutir-se algumas ordens que a Companhia já tem dado, sobre o assunto, por intermédio dos srs. Inspectores.

Que todos os camaradas se compenhem do fim altruista que se visa, e não deixem de assistir à sessão».

**Juventudes Sindicalistas**

Com pedido de publicação, recebemos o seguinte apelo:

«Onze anos decorreram já depois que o mundo inteiro ecom a notícia da declaração da funesta grande guerra.

Na passagem do seu aniversário, em todo o mundo se levantará um protesto unânime de todos os trabalhadores conscientes, sedentos de liberdade e de justiça, contra todas as guerras, contra o nefasto militarismo.

O Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa ao passar esta data tão lamentavelmente gravada na história dos povos, dum acontecimento que tantos milhões de vidas roubou e tantos milhares de seres inutilizou para a vida, vem este Núcleo, secundado pelo protesto internacional promovido consoante resoluções tomadas, no segundo Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, e juntar a este a sua acção própria.

Nessa conformidade resolveu o Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa promover nesta cidade uma semana de propaganda anti-guerrista e anti-militarista, a qual constará de conferências públicas.

A estas conferências e às sessões de protesto promovidas pela Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, deverão os jovens sindicalistas comparecer na sua máxima forma, porquanto é precisamente a mocidade aquela sobre quem impende mais e mais directamente o fantasma da guerra, da carnificina e dos resultados nefastos que ela acarreta para a humanidade.

Que o Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa veja secundados os seus esforços, e o seu maior desejo ao terminar, saudando todos os jovens sindicalistas filiados neste Núcleo e todos aqueles que daquém e além fronteiras lutam pela nobre causa da Liberdade».

Também a Juventude fez distribuir um manifesto de que respigamos os seguintes períodos:

«Quantos corações não se enlutaram em virtude da guerra infame, não vendo voltar ao lar os entes amados? Quantos milhões de vidas não se perderam nos campos de batalha? Quantos milhares de seres não se encontram hoje estropeados, resultando dos ferimentos obtidos na guerra? Quantas noivas não ficaram sem os seus noivos, perdendo a esperança alimentada em seus sonhos de ventura? Quantas mães, quantas irmãs, quantas viúvas e quantas orfãs não passam hoje fome ou se vêem obrigadas a estenderem a mão à hipocrítica caridade pública ou a venderem a carne do seu corpo, outrora esbeto? e adorar, prostituindo-se, porque aqueles que eram o seu sustentáculo, o braço forte do lar, ficaram nos campos da morte ou se encontram impossibilitados de angariarem os meios necessários à vida?

E que lucraram afinal com isso os trabalhadores? Nada, absolutamente nada! Operários fardados bateram por uma causa que não era a sua, pela causa dos senhores, dos

grandes potentados da finança, da indústria e do comércio.

«Que um laço de fraternidade uma, acima de todas as fronteiras e convenções, acima de todas as raças e línguas, os povos oprimidos pelo jugo dos senhores, e que se preparem para receber a nova Sociedade de Paz, Fraternidade e Solidariedade Humana!».

«E aos jovens que este Núcleo especialmente se dirige, pois são estes que na presente ocasião mais e mais directamente serão atingidos com a eclosão dum nova guerra. E a estes que a caserna aguarda para os receber robustos e viris e lançar fora, contaminados de doenças e depravados moral e fisicamente».

**O programa das conferências**

O Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, tendo resolvido dedicar toda esta semana à propaganda anti-guerrista, realiza também durante a semana as seguintes conferências:

Hoje, na sede do Sindicato Único Metalúrgico, Rua da Esperança, 127, 2.º, por Vasco da Fonseca, sob o tema «O meu crime».

Amanhã, na sede da Secção Sindical da Construção Civil no Alto do Pina, Rua Barão de Sabrosa, 80, por Manuel da Silva Campos, sob o tema «As consequências da guerra na vida económica dos povos».

Terça-feira, 4, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, por José Carlos de Sousa, sob o tema «O Militarismo: Cancro Social».

Quarta-feira, 5, na sede do Grupo Dramático de Belém, Rua Paulo da Gama, 6, 1.º.

Quinta-feira, 6, na sede da Secção Sindical da Construção Civil em Palma, Rua da Beneficência, 213, por Manuel Henriques Rijo, sob o tema «Como defender uma pátria?».

Sexta-feira, 7, na sede da Associação de Classe dos Corticeiros, Rua de Marvila, 57, 1.º, por António de Sousa, sob o tema «A depravação do carácter pela influência militarista».

Sábado, 8, na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, Campo de Santa Clara, 87, por Vasco da Fonseca.

Estas conferências têm todas o seu início pelas 21 horas em ponto.

O Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa faz-se representar nas sessões promovidas pela Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, que se realizam hoje, a saber: Nas sessões de Belém e Palma, por Jorge Galvão e na sessão do Poço do Bispo, por Emílio Santana.

**Nas províncias**

**O povo de São Romão de Vermoim comemora o início da guerra com a criação duma escola**

Os trabalhadores de São Romão de Vermoim vêm de distribuir um vibrante manifesto de protesto contra a guerra, comemorando-a com a fundação de uma escola de estudos sociais. Do seu manifesto extrai-mos os seguintes interessantes períodos:

«E para comemorar tão simpática como grandiosa obra, realizar-se há no próximo domingo 2 de Agosto, pelas 15 horas (3 da tarde), na sede da Associação de Classe dos Tamancos, ao largo do Outeiro, uma sessão solene, para a qual se convida a assistir o público em geral de Vermoim e arredores.

E, sendo precisamente o dia dois de Agosto o indicado pela Associação Internacional dos Trabalhadores, como o dia de protesto internacional contra uma futura guerra mundial que se está projectando, inauguramos neste dia a nova Escola, como a melhor forma de protesto contra a sociedade burguesa que, em Agosto de 1914, abriu uma horrível chaga na humanidade cujos perniciosos efeitos ainda hoje sentimos sentirmos, enquanto vós mulheres do povo, que embaisais e amamentais vossos queridos filhinhos, não vierdes até nós receber as sagradas doutrinas de emancipação humana, para poderdes depois educar convenientemente vossos filhos ao ponto de eles compreenderem e seguirem aquela máxima que o grande revolucionário Cristo o Martir de Golgota há vinte séculos pregou: Não matarás! Amamos uns aos outros! Eis o que os fundadores da Escola, pretendem que se faça para bem de toda a humanidade.

**Sindicato da Construção Civil e Artes Correlativas de Ponte de Sôr**

Apreciamo a circular da C. G. T., para que se promovam manifestações anti-guerristas no próximo dia 2, tomou em consideração, mas devido a assuntos de ordem interna no sindicato reconhecer ser impossível nesse dia levar à prática o protesto; no entanto, resolveu realizar um comício público no próximo dia 9, para o que se vão mandar fazer manifestos.

**Em Vila Nova de Gaia**

O Núcleo da Juventude Sindicalista, de acordo com o grupo anarquista «Filhos da Liberdade» e organização operária local, tinha resolvido realizar, na Feira de Santo Ovídio, um comício de protesto contra as guerras, o que não foi consentido pelo delegado do governo que, não obstante o afirmar-se radical de espírito desmoralizado, demonstrou assim estar possuído de monomania guerrista e ter tanta poeira cerebral como qualquer reaccionário empregado de carnificinas.

**Em Almada**

Pelas 11 horas, o povo de Almada reúne em comício público, de protesto contra as guerras.

**ACREDITA:**

A fraqueza geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são sintomas de um inimigo poderoso

**A**

**NUCLEO CALCINA**

TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA SARMACIN SARMACINOS

Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

A 22\$00 Desperdiçadores A 30\$00 Relatores

AS MELHORES MARCAS DE ALIMENTOS

Oliveira e Relatores Manuel Rodrigues Junior

Rua dos Vinheiros, 396

(Esquina da Rua Silva e Albuquerque)

**O problema das carnes**

O gado argentino não agrada à lavoura e à marchanteria porque provoca o barateamento do preço das carnes, afirma-o à BATALHA a comissão do pessoal do Matadouro

Na oficina de matança do Matadouro Municipal de Lisboa uma multidão de trabalhadores, de indumentária miserável, na sua macabra função de despachar desta para a melhor cêrca dum cento de rezes, recebem com visível indiferença o jornalista que acompanhado de alguns membros da Comissão Profissional dos Operários do Matadouro foi a este estabelecimento examinar as carnes argentinas e nacionais. A missão era muito delicada para um leigo. Mas o convite feito, não o fôra para uma inspecção sanitária, mas para verificar se a carne do gado exótico já estava deteriorada, como certa imprensa, para servir os interesses da lavoura e da marchanteria vem alarmando a população nos últimos dias.

Por mais que analisasse não encontrou o jornalista uma pequena demonstração favorável àquele insinuação. Muito pelo contrário. Se diferença existe é em benefício da carne argentina que é mais apetível e melhor, como se verá.

Depois dum rápido exame às condições higiénicas das oficinas e às do trabalho daqueles funcionários da Câmara, as quais serão analisadas num outro artigo, alojamos numa das dependências do edifício para ouvir a comissão que nos acompanhava e que era composta por António Pinheiro, António Elias, Manuel Jacinto da Costa e Manuel dos Santos. Foi ela a signatária dum carta aberta sobre o problema das carnes. Seria ainda ela quem em A Batalha podia completar a sua altruista obra. Uma breve explicação sobre os vários serviços do Matadouro, e um dos comissários inicia do modo que segue a sua exposição:

«E a Batalha o único jornal que pode com autoridade moral tratar do problema das carnes.

«Mas permita, meu caro, que o informe, que o órgão dos trabalhadores foi ludibriado pelo delegado dos cortadores, o sr. Júlio Dias Afonso...

«Como assim?

«Do princípio ao fim a sua entrevista é um amontoado de distantes em benefício da sua situação... Depois não lhe assiste autoridade para classificar de incapaz o gado exótico, quando ele é preferido em muitos países. O gado argentino, além de possuir multíssimas propriedades nutritivas e de excelente qualidade como tem sido atestado por distintos veterinários. Além dessa vantagem, o referido gado, pelas condições de aquisição, provoca uma sensível baixa no preço do gado nacional. A sua abundância determina também a baixa de preços dos outros géneros, como mais dum vez tem sido verificado.

«Mas por que se guerreia então o gado argentino?

«Só há uma explicação. A lavoura e a marchanteria têm toda a conveniência em combater a importação do gado exótico, para que o seu possa ser vendido pelo preço que entenderem.

«Se o gado nacional é insuficiente para

abastecer o mercado como conseguiriam esse resultado?

«Dum modo simples, e talvez encontre aqui a explicação.

O nosso interlocutor teve que suspender a sua narração para ouvirmos um outro depoimento, da competência doutro artigo. Reatando, o nosso entrevistado diz:

«O gado do Alentejo e do Ribatejo se fôsse todo para o mercado podia garantir o consumo de Maio a Agosto. Nos restantes meses só (com o gado das Beiras se pode contar, e esse é tão insuficiente que não comportaria as exigências do consumo.

«Se não houvesse o recurso do gado argentino que, como já disse, provoca o barateamento da carne, os marchantes tinham um admirável ensejo para impingir o gado lanífero. E porque não lhes é possível fazerem um fornecimento semanal de 5.000 carneiros, que tantos engulhos lhes causa o gado argentino.

«Os principais inimigos da importação são os marchantes Rafael Cabecinha, João Palmeira e José da Costa, este último um boçal egoísta.

«Quanto a deterioração, o que há?

«E' falso quanto se tem afirmado. A carne deteriorada vai para o guano. Mesmo no caso das zorras há muito a falar...

O nosso entrevistado tem uma pequena pausa como que a reunir os seus pensamentos, e com mais vagar prossegue:

«Pelas péssimas condições de acomodação do gado frequentemente atropela-se provocando fortes contusões. Em alguns sucede que caem no chão e são depois removidos numa zorra para a oficina da matança onde são sangrados.

«A parte escurada é inutilizada, a outra aproveita-se. Nem mesmo o pessoal permitiria uma falcatrua em prejuízo do público.

«De modo que é de alta vantagem o gado argentino...

«Posso garantir-lhe que para o público é vantajoso. Com maiores propriedades alimentares e de menor preço. Para os proprietários de talhos assim como os que têm interesses ligados, já não sucede o mesmo.

«Mas com isso nada temos nem queremos ter. Simplesmente o que não admitimos é que indivíduos que pretendem gozar dum situação escandalosa à custa da miséria do povo venham para a imprensa com apreciações infantis e malévolas para levarem a água ao seu moinho...

Estava terminada a entrevista. Ficámos sabendo que nesta questão há dois pontos de vista: o da lavoura e dos seus auctores que condena o gado exótico para provocar a carestia das carnes; o do público que não vivendo de negociações tem toda a vantagem com a aquisição do gado argentino.

**No próximo número**—Sensacional entrevista com o dr. sr. Godofredo da Silva Santos, ilustre professor do Instituto de Medicina Veterinária sobre o problema das carnes.

**MORAL CRISTÁ**

**A tese das "Novidades" desmentida pelos ministros de Deus!**

Pobres Novidades! Machucadas pelo procedimento indecoroso do padre Mesquita e do seu digno colega o padre de Arnil, perderam a sua combatida energia e cederam terreno numa resposta indecisa e contrafeita.

Esta vez já admite a hipótese de que um padre proceda mal. Mais um bocadinho de esforço, por nossa parte, e a hipótese confirmava-se em certeza. Mas não vale a pena. Os factos já falam com sua inconfindável e luminosa eloquência, já jorraram sobre a terra a luz indispensável para destruir a sua falsidade. Que importa a confissão das Novidades quando o procedimento dos dois padres já representa o mais poderoso e inatável dos desmentidos?

Que importa que ela reconheça «que entre o clero pode haver faltas... faltas que se lhe podem apontar», quando de entre o clero surjem quasi diariamente os exemplos de que são os próprios ministros de Deus que atentam contra a própria moral que aconselham aos outros?

As Novidades ainda recusaram mais na sua resposta a afirmar «que o clero não recia o confronto com as outras classes de Portugal». Preciosa confissão! Já aceitamos o clero como uma classe susceptível de pecados e de todas as traquinarias. Já reconhecemos que um padre pode cometer um delito, um desses delitos altamente nocivos à vida humana. Não está longe a alegação de que um padre é um homem como outro qualquer, salvo, é claro, a circunstância de ser padre.

Nos nunca dissemos que todos os padres são homens sem piedade e que a religião fomenta todos os crimes. O que nós temos dito e continuamos dizendo, sem o temor de desmentidos, é que entre os padres existem tristes exemplos de degenerescência moral e que são em grande número os padres que têm praticado actos bastante repugnantes, alguns dos quais excedem tudo o que a imaginação mais criminal pode conceber.

O que nós afirmamos é que a religião católica no que ela tem de intolerante original e continua originando todos os excessos e todos os crimes de que a cega intolerância, só a cega intolerância é capaz. O que nós sustentamos e continuamos sustentando é que a religião católica é a mais perniciosa inimiga da liberdade e do pensamento humano. O que nós temos demonstrado é que ela é um acervo de dogmas e de falsidades, que ela tem especulado e indecorosamente com a ignorância e a boa fé da gente simples; o que nós temos combatido é a inacreditável estupidez dos seus preconceitos e o seu depravado anacronismo.

O que nós censuramos à Igreja é o ela estar ao serviço dos ricos contra os pobres; o ser inimiga de todo o progresso e pretender entrar as actividades humanas.

A acusação de que a igreja é uma grande farça e uma falência é perfeitamente justa. Hoje nem padres, nem fiéis respeitam os próprios princípios morais que a religião preconiza.

De modo que as Novidades, vindo dizer que as pessoas que não são católicas não são dignas nem são sérias, profere uma mentira e comete uma grossaria e um enxovalho. Há muitas criaturas francamente irrreligiosas que têm uma vida digna e uma conduta honestíssima como há muito padre e muita criatura religiosa cuja vida é vergonhosa.

E como as Novidades não o podem negar pormos ponto no assunto.

Não o fazemos porém sem publicarmos a seguinte carta que confirma o que aqui dissemos acerca do famoso padre Mesquita:

Sr. director do jornal A Batalha.—Ainda sobre o debate do caso do padre Mesquita, sendo eu o único irmão da doente por ele maltratada, informo-vos que tudo quanto A Batalha tem publicado é a expressão da verdade, e que se minha irmã assim foi tratada, foi porque meu pai, já de muita idade, se encontrava ausente, e eu me encontro em Sintra, julgando-se por isso seguro de impunidade. Logo que minha irmã telegrafou para Lisboa pedindo auxílio, saí imediatamente, mas não sem que primeiro pusesse à prova os seus sentimentos, praticando além do já relatado, um abuso de confiança visto que meu pai lhe emprestou a casa só até ele conseguir outra, e na condição de deixá-la logo que dela o meu pai se recusesse.

Tudo quanto A Batalha tem publicado, pode ser confirmado com documentos e até pela maioria dos habitantes de ali.

De v. etc., etc.—António Barreiros Fernandes.

**DESPORTOS**

**Homenagem a Ribeiro dos Reis**

E' hoje que tem lugar na «Garrett» o almoço de homenagem a Ribeiro dos Reis e jogadores internacionais de Benfica.

Na festa, que terá começo pelas 13 horas será oferecido aos homenageados uns artigos alinhados em outro, cravejados a brilhantes, diamantes, rubis e esmeraldas representando o distintivo do S. L. B.

**WATER-POLO**

Encontros para hoje

1.ª categoria—Sporting Clube Portugal-Clube S. Pedrouços, às 17 horas. Internacional-Spor. Algés e Difundo, às 17,30.

2.ª categoria—Clube N. Natação-Sport. L. Benfica, às 16 horas. Carcavelinhos F. Clube-Clube S. Pedrouços, às 6,30.

3.ª categoria—Clube N. Natação-Sporting Clube Ocrais, às 10 horas, Imperio L. Clube-Vendelinhos F. Clube, às 10,30. Carcavelinhos F. Clube-Sport Lisboa e Benfica, às 15,30.

Todos os desafios são realizados na Doca de Alcântara, sendo os da tarde feitos com entradas pagas.

**HOCKEY EM PATINS**

Desafios para hoje no rink do Sport Lisboa e Benfica

1.ª categoria—Hockey contra Benfica, 13 horas. Arbitro, Luis Araújo, do Sporting C. P.

2.ª categoria—Excelsior contra Portugal, 16 horas. Arbitro, Carlos Cunha, do S. L. B. Sporting contra Hockey, 14 horas. Arbitro, José Prazeres, do S. L. B. Benfica contra Lusitana, 15 horas. Arbitro, Luis Aquino.

1.ª categoria—Sporting Clube de Portugal contra Sport Lisboa e Benfica, 17 horas. Arbitro, Isidoro de Almeida.

**CARTA DE COIMBRA**

**Ainda os crimes de violência sobre menores**

Há quem pretenda encobrir o caso do Parque de Santa Cruz?

—Os outros crimes entregues à policia seguem os seus trâmites

COIMBRA, 31.—As correspondências de A Batalha, nestes últimos dias, têm sido lidas com sofredor pelos seus leitores, tendo-se esgotado todos os dias o jornal. E a sua crítica desassombrada sobre os crimes de violência e estupro sobre menores, tem sido calorosamente aplaudida.

Assim, aqueles leitores de ocasião, os que só compram o jornal sindicalista quando ele trás um ataque cerrado a qualquer marionete vão vendo que a orientação do jornal operário é toda no sentido de defender os humildes e os desprotegidos — atacando os males de que a sociedade enferma e que para bem de todos há-de ser derroçada; estigmatizando os que prevenciam e contribuindo para que melhores dias nos estejam reservados.

Não somos dos que pedem prisão para os delinquentes — como já tivemos ocasião de dizer na primeira notícia sobre o crime de Montes Claros, em que a vítima foi uma criança de 14 anos de nome Judite.

E, já que atacamos sem duma piedade o criminoso procedimento desses indivíduos num acto repulente e infame — em frente dos outros crimes análogos que se deram a nossa acção tem de seguir rigida e até ao fim.

São cinco os crimes de violência, já dissemos, perpetrados sobre menores. No entanto, dentre esses crimes, embora todos sejam condenáveis, alguns há que merecem especial atenção.

Vamos pois a eles, começando pelo do Torreão do Parque de Santa Cruz — dentre todos o mais ascoso e cheio de podridão de carácter.

Neste crime, os protagonistas foram uns estudantes — e a vítima uma criança de 7 anos.

Criança que não foi violentada é certo mas que os bandidos infectaram porcazmente pegando-lhe as mãos horríveis doças venerais!

Como os leitores compreendem, este caso merece atenção especial. E, além dessa atenção, um ataque enérgico da imprensa para que seus autores sejam conhecidos.

Nós sabemos — assim nos informaram — que o comerciante sr. Artur Ferreira da Cruz, estabelecido na Praça da República, anda empenhado em que silêncio seja feito à volta deste crime.

Dar-se há o caso deste senhor, cobrando os autores desta façanha, pretender encobri-los? Não sabemos. Mas como o sr. Artur Ferreira da Cruz tem em sua casa uns estudantes...

Enfim, a nós não compete averiguar. Faça isso quem disso tem de tratar.

O certo é porém que o crime que está envolvido em mistério, parece encaminhar-se para bom caminho... Ou a policia e os pedidos abafarão tudo?

Quantos ao outro que nos merece também atenção, vamos a ele.

E' aquele caso do militar Faleiro que abusou dum criada de sua mãe, infectando-a. Como dissemos, este ao saber que andavam procedendo contra si fugiu. Porém agora, não sabemos porque, apresentou-se à prisão voluntariamente.

Dar-se há o caso de terido fora procurar protecção? — Se calhar...

Ora estas coisas, por muito que pese aos seus autores e amigos, não podem ficar no olvido, abafando-se tudo inclusive. E' preciso ver que a continuarmos assim a onda da desmoralização, impiedosa e brutal, arrastará consigo mais vítimas e, nessa altura, os culpados são todos aqueles cuja voz teve medo de erguer-se a acusar alto, para que a sociedade possa caminhar num sentido progressivo e humano.

Está é certo este caso, como o da Espadaneira e dos Olivais, entregue às autoridades. No entanto...

**A imprensa e o fascismo**

ROMA, 1. — Foi expulso o jornalista George Seldes, correspondente do «Chicago Tribune», por escrever artigos desfavoráveis ao fascismo.

**NACIONAL**

Hoje e amanhã repetem-se OS DOIS GAROTOS, melodrama tanto do agrado do público, que assiste cheio de interesse às mil peripécias da emocionante obra de Decourcelle.

**OS QUE MORREM**

João Carreiras

Faleceu, ontem pelas 12 horas, este prestimoso militante do Sindicato da Construção Civil da Amadora, efectuando-se hoje pelas 15 horas, o seu funeral — do Hospital do Rêgo para o cemitério de Bemfica.

**Excursão em "camionete"**

O Grupo Excursionista «Os Calmeirões» realiza hoje a sua excursão em «camionete». O percurso é Loures, Mafra, Malveira, Sintra, Cascais e Lisboa. A partida é às 5 horas da praça do Brasil.

**TIVOLI**

TEL. N. 3478

DE TARDE E À NOITE

Um documentário

Uma panorâmica

OS EMIGRADOS

Produção da Svenska Film em 6 partes

DE TARDE:

AS ESPOSAS DOS RICOS

Ciné drama em sete partes

DE NOITE:

A pedido e em última exibição

A Estrêla de Israel

Superprodução em oito partes

NOITE ÀS 8 H 1/2

AMANHÃ—Novo programa

O PRINCE ENCANTADOR

Encenação de Tourjaniky

**Teatro Nacional**

HOJE

Telefone Norte 3049

EMOCIONANTE ESPECTÁCULO

COM O MELODRAMA

OS DOIS GAROTOS

OPTIMA INTERPRETAÇÃO

CONJUNTO HARMONIOSÍSSIMO

**EDEN TEATRO**

TELEFONE N. 3809

HOJE—A maravilhosa «feerie»

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

AMPLIADA COM O GRACIOSÍSSIMO EPISÓDIO

A BICA...

Original de ANDRÉ BRUN

**Teatros, Música & Cinemas**

**Noticias**

Como era de esperar, o público aluiu ontem, em grande quantidade, ao Nacional, onde reaparecia o emocionante drama «Os dois garotos». A peça tem a sua reputação feita, e consolidada, como sendo das mais interessantes e enternecedoras pelo entrecio, em que abundam as cenas imprevisíveis e de espectacular apresentação.

Hoje, no Nacional, repete-se «Os dois garotos».

**Rêclames**

Alcançaram ontem um extraordinário sucesso no Coliseu dos Recreios, como noutro lugar referimos, os artistas que compõem a admirável troupe Baile russo Pannonia Rusckoff.

**Incidentes no Reichstag**

BERLIN, 1.—Deram-se novos incidentes no Reichstag tendo sido expulsos dois deputados comunistas que não deixavam funcionar o parlamento.

Os dois parlamentares recusaram-se a abandonar a sala, sendo necessária a intervenção da guarda do edificio.

**Alastra a greve bancária**

PARIS, 1.—O movimento grevista dos empregados bancários, propagou-se a Nantes, Valenciennes, Montiermar e Saint-Nazaire.

**AGREMIÇÕES VARIAS**

**Club Recreativo «Os Choras»**—Realiza-se, hoje, pelas 21 horas, um baile a piano.

**Grupo de Solidariedade os 21**—Manufactores de Calçado — Refine na próxima terça-feira para apreciação do relatório de contas.

**Os mineiros do Ruhr**

BERLIN, 1.—Os mineiros do Ruhr denunciaram o actual acordo sobre salários, pedindo uma nova elevação a partir de 1 de Setembro.

**Tuna Académica de Coimbra**

Estiveram nesta redacção dois representantes da Tuna Académica de Coimbra que nos vieram apresentar os seus cumprimentos devido à sua partida para o Brasil e saudar os trabalhadores, por intermédio da Batalha.

Desejamos-lhes feliz viagem.

**Coliseu dos Recreios**

O grande sucesso da «troupe» russa

Hoje lutas de Travagliani contra Grunewald, de Rato contra Petig e de Van der Berg contra Bastarrica

Mais um grandioso sucesso alcançou ontem o Coliseu dos Recreios com a estreia da célebre «Troupe Baile Russo Pannonia Rusckoff» que o público aplaudiu com grande entusiasmo não só pelos seus admiráveis baillados e canções russas, húngaras e americanas, como ainda pelo seu riquíssimo guarda-roupa e pelo seu deslumbrantíssimo cenário. E' um número digno de ser visto pela sua riqueza, originalidade, arte e elegância.

As lutas de hoje são do enérgico italiano Travagliani contra o forte alemão Grunewald; o hercúleo espanhol Rato contra o feroz austríaco Petig e o rijo holandês Van der Berg contra o valente espanhol Bastarrica. São três emocionantes combates que se realizarão após o interessantíssimo programa de variedades.

**DESPORTOS**

**Homenagem a Ribeiro dos Reis**

E' hoje que tem lugar na «Garrett» o almoço de homenagem a Ribeiro dos Reis e jogadores internacionais de Benfica.

Na festa, que terá começo pelas 13 horas será oferecido aos homenageados uns artigos alinhados em outro, cravejados a brilhantes, diamantes, rubis e esmeraldas representando o distintivo do S. L. B.

**WATER-POLO**

Encontros para hoje

1.ª categoria—Sporting Clube Portugal-Clube S. Pedrouços, às 17 horas. Internacional-Spor. Algés e Difundo, às 17,30.

2.ª categoria—Clube N. Natação-Sport. L. Benfica, às 16 horas. Carcavelinhos F. Clube-Clube S. Pedrouços, às 6,30.

3.ª categoria—Clube N. Natação-Sporting Clube Ocrais, às 10 horas, Imperio L. Clube-Vendelinhos F. Clube, às 10,30. Carcavelinhos F. Clube-Sport Lisboa e Benfica, às 15,30.

Todos os desafios são realizados na Doca de Alcântara, sendo os da tarde feitos com entradas pagas.

**HOCKEY EM PATINS**

Desafios para hoje no rink do Sport Lisboa e Benfica

1.ª categoria—Hockey contra Benfica, 13 horas. Arbitro, Luis Araújo, do Sporting C. P.

2.ª categoria—Excelsior contra Portugal, 16 horas. Arbitro, Carlos Cunha, do S. L. B. Sporting contra Hockey, 14 horas. Arbitro, José Prazeres, do S. L. B. Benfica contra Lusitana, 15 horas. Arbitro, Luis Aquino.

1.ª categoria—Sporting Clube de Portugal contra Sport Lisboa e Benfica, 17 horas. Arbitro, Isidoro de Almeida.









## DEFININDO DOUTRINAS

### A política de Moscú e a questão dos toros

Como se pratica a «unidade sindical» — A boa fé dos rurais de Coruche iludida pelos moscovitários de Lisboa — Uma reunião burla que os rurais devem desprezar

Não era intenção nossa voltar a tratar a maneira como se conduz a Associação dos Trabalhadores Rurais de Coruche — ou alguém que por ela, o que nos parece que estaria certo — trata a questão dos toros.

Tendo-se já publicado um artigo especial com uma circular da Federação dos Trabalhadores Rurais sobre o assunto e tendo nós abordado algumas vezes considerações sobre estes artigos, confirmando a manobra moscovitória denunciada nos sindicatos de trabalhadores rurais que a questão ficaria assim arrumada, aguardando apenas o resultado da assembleia, conferência, congresso ou o que quer que é que o sindicato de Coruche pretenda promover para tratar o problema dos toros.

Longe estávamos de supor que aquela associação — ou alguém por ela, repetimos — descesse a mentir e a torpeza para fazer vingar baixos desígnios. Parece inacreditável que o pudor e a vergonha, o respeito e a honestidade de processos, normas de correção inerentes a cada indivíduo ou organismo que preside a dignidade própria sejam postos de parte, desprezados, calçados, só para se conseguirem determinados fins.

L. se não é assim, veja-se esta circular:

#### Associação dos Trabalhadores Rurais de Coruche

Prezados camaradas: — Convidou este Sindicato os outros sindicatos rurais a reunir em conferência, em Lisboa, para adoptar uma acção comum, energética e decisiva contra o decreto 1.645, cuja execução constitui um prejuízo formidável para centenas de trabalhadores que, a custa dum labor imenso, em anos sucessivos, conseguiram valorizar alguns terrenos afogados.

Esta acção, que deveria ser iniciada e levada a bom fim pela Federação Rural e pela C. G. T., em defesa da classe rural, está, pelo contrário, sendo gerida pelos organismos supracitados, sem se pensar no seu interesse — dos camponeses — que se prejudicam. Agora mesmo somos informados que a Federação Rural aconselha os sindicatos rurais a não irem à Conferência de Lisboa, em 26 do corrente, porque, dizem eles, essa conferência é uma reunião dos políticos comunistas.

Repetimos energeticamente esta insinuação. O Sindicato de Coruche, trabalha com comunistas ou anarquistas, trabalha com todos os trabalhadores, sem queira ou não, sem tendências políticas, mas não é o instrumento do Partido Comunista, como também não será dos políticos da União Anarquista que dominam a C. G. T. e a Federação Rural.

Caríssimos: Não se trata aqui de fazer a política de A. ou B., mas sim de fazer a política dos trabalhadores rurais, anulando a lei 1.645 que os lesa e prejudica.

É esta política dos interesses do trabalho que se trata pelos sindicatos. Nestas condições, não devem os sindicatos hesitar, comparecendo na conferência para tratar dum assunto que sobremaneira lhes interessa, sem darem ouvidos a aqueles que, absolutamente incapazes de defender a classe rural, não querem permitir que esta se defenda a si mesma.

Caríssimos: Este assunto não pode ser tratado pelo congresso corporativo da classe rural, pois tem de ser tratado antes de se anular o decreto 1.645. Não se trata de anular o decreto 1.645, mas de fazer a política dos trabalhadores rurais, anulando a lei 1.645 que os lesa e prejudica.

A lei 1.645 só pode ser anulada pelo parlamento, por proposta do respectivo ministro — ou por iniciativa de alguns dos deputados ou senadores. Basta observar o estado em que se encontra o espírito de cada um dos governantes, qualquer que seja o seu partido ou grupo, para se ver que a única coisa que os domina é a situação política. Essa é que lhes absorve todas as atenções, e a que os apassiona e este estado de alma, que vem já de longo tempo, anula a perturbação em absoluto enquanto não fizerem as eleições.

A simples observação deste facto seria bastante para não se gastarem esforços, sempre inúteis, junto dos ministros enquanto a borrasca não der lugar à bonança.

É intuitivo, não é verdade? Pois bem, não tem sucedido assim, ao contrário do que diz aquela circular.

Por pedido da Associação dos Rurais de Coruche e com as indicações da Federação Rural e do Conselho Jurídico da C. G. T., tem tratado a questão assiduamente junto do respectivo ministério desde o princípio do ano.

Aquela Associação diz às restantes: «esta acção (contra a lei 1.645) que deveria ser iniciada e levada a bom fim pela Federação Rural e pela C. G. T., em defesa da classe rural, está, pelo contrário, sendo gerida pelos organismos supracitados».

Pois para se avaliar estas «verdades» moscovitárias — e ainda se arrogam a ousadia de proclamar que não atacam a C. G. T. — é necessário dizer que o Conselho Jurídico já não largou mão do assunto, como se vai ver.

A primeira demarcação junto do respectivo ministério foi efectuada em 3 de Janeiro do corrente, logo que aquele Conselho foi comunicada a questão; a segunda em 10 de Fevereiro. (Por pedido particular do ex-rural de Coruche, Ferreira Quartel, hoje funcionário público e filiado no C. e orientador daquela Associação — deveria ter sido tratada a questão no parlamento em 2 ou 3 de Março, pelo senador Medeiros). A terceira em 20 e a quarta, em 23 de Fevereiro.

Pela quinta vez, em 23 de Março, acompanhada uma comissão de rurais de Coruche e Ferreira Quartel, ao parlamento. No dia seguinte, 24 — volta, pela sexta vez, ao ministério e faz a entrega de documentos. E volta ao ministério pela sétima vez, em 16 de Abril; pela oitava, em 8 de Maio; pela nona, em 28 do mesmo mês; e pela 10.ª e 11.ª e pela 12.ª e pela 13.ª e pela 14.ª e pela 15.ª, respectivamente em 18 e 20 de Junho, em 8, 14, 15 e 25 de Julho.

15 vezes, nada menos, e quase sempre acompanhada por um dos advogados do C. J., não falando em outras sempre que

de diferentes assuntos ia tratar junto do respectivo ministério!

Acção inútil, estéril?

Mas era a acção reclamada pelo sindicato de Coruche, o mesmo que na circular afirmava agora que a C. G. T. e a Federação Rural guerreiam uma acção comum energética e decisiva contra o decreto 1.645, «sem pensar que são os seus interesses — dos camponeses — que se prejudicam».

Francamente, nem sabemos que pensar duma incorrecção de tal ordem.

Os congressos de rurais decidem que os organismos da classe não voltem a pedir nada aos governos por estes não terem feito caso algum de pedidos e reclamações que lhes eram dirigidos.

Tendo aparecido um sindicato a fazer uma reclamação ao governo parece que, nem a Federação respectiva nem a C. G. T., tendo em conta as superiores decisões dum Congresso, decidem que por todos os sindicatos foram sancionadas — deviam aceitar, para serem coerentes com as resoluções colectivas. Não procederam assim, transgiram para que aquele sindicato não descesse que o desconsideravam, acompanhando o seu pedido, satisfazendo o seu desejo, calculavam quinze vezes as escadas dos ministros, e eis que, ainda por cima, são acusados de má vontade, de guerrearem a pretensão daquele organismo. E o cúmulo!

Que é necessário uma acção comum? Talvez, mas para tanto necessário seria que a questão interessasse moral e materialmente a todos ou à maioria dos camponeses. E não está à porta o seu congresso corporativo onde pode ser examinada a questão?

Para que outro, extraordinário, com pouco mais dum mês de antecedência do ordinário?

Não será isto mais uma manobra, um truque — como diz a Federação — para prejudicar o congresso nacional?

Para que o parlamento anule a lei antes de ser encerrado?

Mas não estará este argumento a cobrir a manobra?

Raciocinemos um pouco, antes de terminar este: A época parlamentar está finda e só não findou devido às comissões políticas que nestes últimos meses têm apaixonado e agitado os parlamentares. É uma casa sem ordem nem respeito e só as ambições partidárias e pessoais dominam. Não se sabe mesmo se nomearão governo estavel para fazerem as eleições, se desandará tudo num golpe de Estado. Tudo são conjecturas, e o imprevisível. No melhor dos casos, o parlamento só funcionará o tempo necessário para normalizar coisas de administração e finanças para dar depois lugar a novo arranjo parlamentar.

Alguém de boa fé acredita que o parlamento funcione regularmente? Os autores da circular, como toda a gente, sabem que não. E eles ainda melhor que nós.

«A que vem, pois, aquele argumento? Para iludir os trabalhadores mais ingénuos? Se eles quizessem ser sinceros...»

Ainda voltaremos a apreciar a circular. Mas, antes de terminar este, queremos brindar os leitores com mais este informe precioso: A associação que firma aquela circular tem a sua sede em Coruche, mas as circulares foram expedidas de Lisboa. Não será isto revelador?

E agora umas perguntas inocentes: Aquela associação terá segunda sede em Lisboa? Onde? Na calçada da Graça, no Marquês do Alegrete ou simplesmente no tasilho?

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limitada — R. dos Retiros, 125 — LISBOA.

O ÚLTIMO NÚMERO DA

RENOVAÇÃO

PUBLICA:

Um artigo sobre

A morte lenta

pela má alimentação, pela falta de assistência médica, pela deficiente habitação, e no qual se fala dos bairros sombrios, das alforjas de Alfama e das barracas dos Terramotos. Cinco gravuras documentam o texto.

O «Box»

Cristiano Lima, a propósito de notícias, vindas nos jornais, de dois jogadores terem encontrado a morte neste estúpido jogo, escreveu um artigo sobre o desenvolvimento físico pelo «box» cheio de contraste, mordacidade e graça.

A lenda de Prometeu

serviu a Mário Domingues de tema a um interessante artigo em que mostra que essa lenda é o símbolo da humanidade sofredora. Uma escultura magnífica do artista espanhol Salazar acompanha o artigo.

A moleirinha

Bento Faria, o conhecido escritor dramático e que é um poeta distintíssimo, embelezou e valorizou este número da «Renovação» com uma linda poesia simbólica que Rocha Vieira com muita felicidade ilustrou.

Viagem! Viagem!

O encanto de viajar e a necessidade e utilidade espiritual das viagens são temas tratados por Ferreira de Castro que não deixa passar o ensejo de se revoltar contra o privilégio de viajar só conferido aos ricos.

Além destes artigos mais notáveis do último número da «Renovação», outra matéria interessante as suas 16 páginas impressas a duas cores e esmaltadas por vinte gravuras.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar a n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadi», de Frederico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Acaba de chegar a n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadi», de Frederico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## A PRIMEIRA VÍTIMA!

### Morreu na Guiné um dos operários deportados!

O ódio covarde e vingativo de Vitorino Godinho e de António Maria da Silva assumiu já resultados funestos e trágicos

Foi recebido no ministério das colónias um telegrama referindo que morreu na Guiné Manuel Tavares, um dos que foi atingido pelas deportações ordenadas por Vitorino Godinho e rancorosamente sancionadas por António Maria da Silva.

Há dois dias que nos tinha constado este triste facto. Mas, de tal modo ele era grave, para não causar inquietações nem provocar indignações que poderíamos ser infundadas, resolvemos aguardar uma confirmação. Esperamos 24, 48 horas, presos da maior ansiedade — e o silêncio oficial persistia.

Por fim adquirimos a certeza de que a dolorosa notícia recebida era uma notícia verdadeira. E outra certeza obtivemos: a de que se procurava ocultar a morte de Manuel Tavares, negando o telegrama que a comunicava.

O silêncio não é de 48 horas, pois Manuel Tavares tinha falecido a 18 do mês passado, pelas 16 horas, na ilha de Canha-bague. Porque se tentou estabelecer o silêncio à volta da morte dum deportado?

Decerto que não era com a estúpida ideia de que um homem tivesse falecido sem que ninguém o viesse a saber. Não foi tão pouco o remorso que determinou o silêncio. Foi o medo. Foi a covardia. O medo perante a trágica consequência dum grande crime, dum dos maiores crimes até agora praticados, a covardia porque, a pesar de tudo o cinismo, a pesar de todo o impudor, os assassinos não se atrevem a encarar de frente com a sua obra repugnante, sangrenta e maldita.

Ainda domina no Terreiro do Paço, errando pelos ministérios como uma sombra negra, a figura sinistra, a figura criminal de António Maria da Silva.

Este homem, débil e vingativo, ridículo e odioso, ainda preside a um ministério que manda, apesar de demissionário, que vive ainda até a formação do novo governo, apesar de sepultado pelo desprezo e pelo desdém de toda a gente — salvo o de alguns energúmenos do partido democrático. Foi ele que ordenou o silêncio, que impediu que todo o país soubesse que um dos deportados morrera.

Este gesto revela uma alma pódre, uma alma de lama, vasia de toda a sensibilidade, incapaz da menor emoção ou duma atitude digna de merecer a concordância de quem possua a consciência tranquila e as mãos limpas.

E o gesto de covarde — dum covarde que é também trampolheiro. Estamos diante do miserável, que, tendo praticado um crime, friamente, com premeditação, recua ante um cadáver — o cadáver de Manuel Tavares, morto lá longe nas plagas candentes da Guiné.

Diante do pavor súbito que o acometeu este homem sinistro não sentiu capazes de o socorrer nem as espingardas homicidas da polícia nem as carabinas obedientes da guarda republicana. E contudo, este homem quando com revoltante cinismo, com jesuíticos pretextos afirmou manter as deportações, tinha a certeza de condenar à morte as vítimas dum das mais negras páginas de crime e ódio que a repressão selvática e reaccionária da república tinha escrito. António Maria da Silva acaba de aparecer perante o país em toda a hediondez da sua alma: o supremo criminoso era também um repulente covarde!

Gritámos aqui bem alto, com toda a força da nossa voz corajosa e independente, com o auxílio dum vontade que não quebra nem se curva perante o capricho sanguinário dos despotas, que a Guiné seria em breve o cemitério dos deportados. Tivemos a visão de que as deportações arbitrárias teriam um desfecho lúgubre, um final trágico.

Dissemos que sancionar as deportações era decretar a morte. E diante de nós quando escrevamos estas verdades trágicas duas visões nos surgiam: a dos milhares de trabalhadores cheios de espanto tocados de uma legítima revolta, indignando-se e comovendo-se, e a de António Maria da Silva lendo o nosso jornal e rindo-se dos nossos vaticínios que descobriam a sua perversa e monstruosa intenção.

Passado o momentâneo pavor, já sereno, António Maria da Silva voltará talvez ao seu risco cínico. Pode rir-se, vangloriar-se com a sua obra de morte. Mas, nunca se esqueça que está separado da população por uma grande distância: a que separa um homem dum fera e dum fera perigosíssima!

Manuel Tavares era barbeiro e residia, quando foi preso, na rua Capitão Leitão ao Beato. Deixa viúva e dois filhos menores na miséria. A cena de dor pungente que se deve dar naquele lar destruído deve comover o mais insensível. Nunca comoverá António Maria da Silva a pesar de também ter um lar, a pesar de também se pacer.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço \$50.

## AS GREVES

Texteis de Riba de Ave

Perto de 10.000 operários em luta pelo cumprimento do horário do trabalho

SANTO TIROSO, 30 — Em virtude de os industriais texteis de Riba de Ave e dos lugares próximos, Caniços e Negrelos, não quererem de forma alguma cumprir o horário de oito horas, no que são apoiados pelo delegado do governo do respectivo concelho de Famalicão, os operários das fábricas dessas povoações, em número de 10.000, declararam-se em greve para conseguirem usufruir essa regalia. Só a fábrica de Negrelos ocupa 3.000 operários.

Uma parte dos grevistas, dos primeiros a abandonar o trabalho, foi logo retomado. Isso de forma alguma diminuiu o ardor dos texteis de Riba de Ave, que se mantêm na disposição de não abandonarem a luta sem que seja satisfeita a sua justíssima reclamação.

No domingo passado, uma comissão de texteis de Riba de Ave e Caniços foi ao Porto para que a Delegação Confederada ali viesse um seu delegado a orientar o movimento. Não podendo esse organismo satisfazer com a necessária urgência tal pedido, enviou o Sindicato Único Textil do Porto um delegado seu, que foi recebido com o maior entusiasmo.

Logo se constituiu uma comissão que, acompanhada do delegado, iniciou várias diligências junto dos industriais e do administrador do concelho, para o efeito veio de Famalicão a Riba de Ave, sendo a comissão seguida por mais de três mil operários.

Das ruas mostraram-se numerosos soldados da G. N. R., pois Riba de Ave está em estado de sítio.

O delegado do governo mostrou-se inadmissivelmente incorrecto com os operários e muito amável com os industriais, tendo feito proposições que não puderam ser aceites.

Os operários de Caniços retomaram o trabalho no dia seguinte, continuando na mesma atitude os das outras localidades. Um delegado da Delegação Confederada do Norte que depois ali foi, era aguardado por algumas praças da G. N. R., que lhe deram voz de prisão e o mantiveram incomunicável um dia, expulsando-o depois do concelho.

— E.

## A guerra de Marrocos

Os rifenhos estão derrotando os franceses

TÁNGER, 1. — Segundo as notícias recebidas nesta cidade, os rifenhos obtiveram vários êxitos em diversos sectores da linha de batalha francesa.

As condições de paz

RABAT, 1. — Um jornal desta cidade diz que Abd-el-Krim enviou uma proclamação às tribus que, lhe são aliadas declarando que só aceitará uma paz que tenha por base a independência do Rif.

Ameaçando do longo

PARIS, 1. — Painlevé declarou aos jornais que os planos das próximas operações se desenrolarão rapidamente se o chefe rifenho não aceitar as condições de paz propostas pelos franceses.

PROPAGANDA SINDICAL

Cerâmicos de Lisboa

Reuniu esta classe a convite da comissão reorganizadora do sindicato, no dia 30 do passado mês.

A comissão fez sentir a necessidade dos operários da indústria se unirem a fim de que possam fazer virar as regalias a que têm direito.

Os assistentes foram unânimes sobre a necessidade de reorganizarem a sua associação, pois constatam que dispersos são humilhados pelos industriais cerâmicos.

Depois de discutidos os trabalhos que a comissão tinha a apresentar foi resolvido realizar numa sessão magna, para ser nomeada a comissão administrativa, na próxima sexta-feira.

SOLIDARIEDADE

Pro-Alberto Carneiro

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum pessoa de família dum componente do Grupo Dramático, fica adiada para o dia 23 do corrente.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Lourenço Marques» da Companhia Nacional de Navegação, são hoje expedidas malas postais para a Madeira, África Ocidental, Oriental sendo da caixa geral as últimas tiragens da correspondência ordinária às 13 horas e para as registadas recebe-se até às 11 horas e pelo paquete «Bago» para o Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires e Madeira, efectuando-se a última tiragem às 9 horas.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

## A inquisição

Um doente num sombrio calabouço — Confissões arrancadas por espantamentos

Na esquadra do Caminho Novo continua o preso José da Silva, tuberculoso, expectorando sangue com abundância.

A pesar do seu melindroso estado, quando na terça-feira dois médicos o examinaram no governo civil nem o casaco lhe mandaram despir, dizendo depois para o major Rodrigues que ele estava realmente doente, mas que não era coisa de gravidade, receitando-lhe um remédio para tomar todos os dias e reenviando-o para o lugar calabouço da cidade esquadra, como já dissemos ontem.

O major Rodrigues prometeu mandar para ali enxérgas, mas isso ainda se não verificou, continuando os doentes, pois também o está o preso Hilário Gonçalves, assim como os outros presos, a dormir sobre a dura tarimba.

José da Silva foi há dias interrogado pelo agente José Augusto, que lhe disse estar ele acusado de tomar parte em reuniões destinadas a preparar um atentado contra o major Rodrigues, segundo o depoimento de António Ferreira, incommunicável na esquadra do Rato.

Sabe-se porém que este preso assinou um «auto de perguntas», em que fazia essa acusação, devido a ter sido violentamente agredido, pois ainda lhe não levantaram a incommunicabilidade porque tem o corpo coberto de equimoses, em virtude do que nem o quiseram acarear com o José da Silva.

Éis no que assenta a argúcia policial — a violência exercida contra presos indeleses e doentes.

POVO, ACORDA!

Sou uma vítima desta sociedade em putrefacção.

Aqueles a quem tu, povo, serviste de escada no 5 de Outubro e na escalada de Monsanto, estão hoje escarnecendo da tua miséria.

Ultimamente assististe às maiores perseguições que se tem feito nos países que se dizem civilizados praticados por um governo chegado pelo «esquerdista» Vitorino Guimarães que deixou a sua passagem pelas cadeiras do poder manchada de sangue.

Vitorino Godinho, complemento do outro Vitorino, homem sem coração, foi o lacaio das «forças vivas» no poder, prendendo e deportando homens inocentes para as regiões mortíferas, não se importando esse coração de fera com o sofrimento moral e material dessas famílias que ficaram sem o seu amparo.

Com o consentimento dessas duas feras a polícia — com a já conhecida lei de «fuga» — usada anteriormente em Espanha — assassinou covardemente dois operários, um deles quase cego, encurtados com a penumbra das trevas, e tentou pôr em prática o mesmo processo canibalesco para outros quando eram transferidos de prisões.

Povo! Estes foram os que amodorraram a imprensa que desassombradamente combatia estes processos bárbaros, para que não sublevesse os crimes que praticavam.

A seguir foi dada a vez ao não menos carrasco António Maria da Silva para continuar a obra vil do ministério transacto e propunha-se a desempenhar o papel, quando o derrubaram.

Vendo que não tinha ambiente para continuar o programa traçado pelo União dos Interesses Económicos, e tão bem seguido pelo seu antecessor, por ele sempre empregado, em ocasiões iguais, e fez com que o país assistisse mais uma vez ao troar do canhão.

Meia dúzia de oficiais de igual quilate que desde a larça do 18 de Abril estavam comodamente instalados em S. Julião da Barra, trocaram impressões e resolveram a sair para vir continuar a fita das «Ditaduras Militares».

Mais uns tantos desgraçados sucumbiram vítimas das ambições mesquinhas desta meia dúzia de imbecis e já se fala noutra para completar a série da fita «As Ditaduras Militares».

E tu, povo, não te moves, parece que subististe perante os acontecimentos.

Estás surpreso, não é verdade? Mas alguma vez esperaste destes verdugos outro procedimento?

Coms-és ingénuo, povo. Perguntarás tu o que fazer para que estes imbecis arrepiem canhão. Muito fácil. Fazer o que a tua consciência de proletário explorado e escravizado te ditar.

Ingressares nos teus sindicatos onde encontrar vítimas como tu que têm tentado acordar-te desse sono letárgico em que te encurvas, e então formarás uma barreira invencível onde aqueles que hoje te prendem eroubam sejam recebidos com a biqueira da bota.

E então diremos: Basta! Basta!

Miguel da CRUZ. (Gráfico sindical)

O NOVO GOVERNO

Está formado o novo governo que é assim constituído: presidência e interior: Domingos Pereira; guerra: general Vieira da Rocha; marinha: Pereira da Silva; colónias: Pereira Leite; justiça: Augusto Alves Monteiro; agricultura: Gaspar de Lemos; trabalho: Vasco Borges; comércio: Nuno Simões; estrangeiros: Costa Cabral; finanças: Torres Garcia; instrução: João Camões.

Sociedades de recreio

Grupo os 12 Amigos. — Este grupo que realiza hoje uma excursão automobilista a Mafra, Ericeira, Sintra e Cascais, para festejar o seu 1.º aniversário envia para A Batalha 10 escudos para os presos por questões sociais. Agradecemos a oferta.

União dos Desunidos. — Realiza-se hoje o passeio anual deste grupo às Caldas da Rainha e São Martinho do Porto, sendo a partida das sedes às 7 horas. Acompanham os excursionistas o Club União do Alto do Pina.

Grupo Dramático «Os Combatentes». — Realiza-se hoje uma recita cujo produto se destina à fundação duma escola.

Concentração M. 24 de Agosto. — Hoje, baile a dueto.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Reuniu na passada quinta-feira o conselho federal tendo apreciado diversos expedientes entre o qual se contavam officios da secção federal do norte, sindicatos do Porto e Viadão Castelo, tendo sido resolvido dar-se-lhe o devido andamento. Foi apreciado e tomado em consideração o relatório dos delegados que pela secção federal do sul em missão de propaganda percorreram diversas localidades do Algarve.

S. U. Metalúrgico. — Reuniu antontem a assembleia geral. Resolveu manter o deliberado pela C. A. quanto à saída dos livros da biblioteca, e que a mesma comissão elabore um regulamento. Nomearam-se para secretário geral Emídio Santana e Fernando Cruz para vogal.

Entra-se na discussão do projecto publicado em A Batalha de 19 de Julho, tendo Emídio Santana apresentado um outro de opposição, ficando suspensa a sessão até à próxima sexta-feira, pelas 21 horas.

### CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE.

Calafates de Lisboa. — A assembleia geral, às 13 horas.

Manipuladores de Pão. — Em assembleia magna, pelas 17 horas.

Pint